

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE GESTÃO EM SAÚDE

Ana Carolina Pessanha Teixeira de Mendonça

O MECANISMO DO DESEJO NO CAMPO DA REALIDADE

Rio de Janeiro

2011

Ana Carolina Pessanha Teixeira de Mendonça

## O MECANISMO DO DESEJO NO CAMPO DA REALIDADE

Trabalho de conclusão a ser apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial à obtenção do Grau Técnico de Nível Médio Integrado à Educação Profissional Técnico de Gerência em Saúde.

Orientador: Daniel Groisman

Rio de Janeiro

2011

*"Eu não consigo me satisfazer.  
E eu tento, tento, tento e tento,  
eu não consigo ter satisfação".*

(The Rolling Stones)

## RESUMO

O presente trabalho aborda a questão do mecanismo de desejo e a seu caráter expressivo no campo da realidade. O desenvolvimento dessa monografia buscará dar sustentação teórica à investigação da realização dos desejos frente ao princípio de realidade, e tem como objetivos específicos definir os conceitos de desejo, princípio do prazer e princípio da realidade, a partir da obra de Freud, e apresentar uma breve descrição das instâncias existentes no aparelho psíquico, segundo este mesmo autor, organizados textualmente na exata ordem apresentada. Após o esclarecimento e observações sobre estes conceitos, será feita uma relação entre os mesmos com o objetivo de atender a demanda do tema escolhido. A partir dessa relação esta monografia se encerra com a conclusão que relaciona esses conceitos e com a reflexão que o tema proporciona, a importância de entender o homem como um ser desejante e de como seus desejos podem ou não ser satisfeitos dependendo da regulação do aparelho mental em determinado contexto social e cultural.

Palavras-chave: Desejo. Realidade. Prazer. Desprazer. Ego. Id. Superego.

**LISTA DE SIGLAS**

CS Consciente

ICS Inconsciente

PCPT Sistema Perceptivo

PCS Pré-consciente

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O DESEJO.....	9
2.1 Breve apresentação sobre a angústia.....	10
3 PRINCÍPIO DO PRAZER E DA REALIDADE.....	12
3.1 Princípio do prazer.....	12
3.2 Princípio da realidade.....	12
4 ESTUDOS DO APARELHO PSÍQUICO: consciência, inconsciência, id, ego e superego.....	16
5 CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS .....	24

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, meu tema pretendido para a investigação era a depressão. Ao me aprofundar no assunto e pesquisar a esse respeito, percebi que não era exatamente a doença o que queria discutir, e sim questionar o porquê das pessoas sempre precisarem de “algo mais” para viver, além do que se entende por necessidades básicas, fundamentais para a sobrevivência do indivíduo. Isso aponta para uma espécie de “busca insaciável” do estado de felicidade. Por essa busca não ser um caso restrito as pessoas que sofrem de transtornos psíquicos, por ser compreendida como característica da nossa cultura faz-se importante buscar um subsídio teórico que explique esse comportamento que parece ser tão corriqueiro. Dessa maneira o rumo dessa pesquisa se alterou. Em investigações de textos que falam sobre a felicidade, uma palavra-chave se sobressaiu: a noção de *desejo*, a qual se tornou relevante ao longo do aprofundamento no assunto, pois para Freud – um médico neurologista que fundou os estudos da psicanálise e que foi escolhido como referência devido inicialmente as suas pesquisas sobre o desejo - este é um conceito que traduz uma espécie de motor impulsivo do comportamento humano em busca da satisfação.

Entretanto, não há em Freud um conceito de “felicidade”, o que tornou incoerente desenvolver uma monografia relacionando um conceito sólido desse autor com alguma noção aleatória de felicidade. Dessa forma se fez necessário encontrar um conceito de Freud que embasasse a reflexão sobre o assunto. Para não ficarmos sem um guia sobre esse assunto, assumo a idéia de que a felicidade seria poder satisfazer todos os nossos desejos. Idéia essa que irá ser confirmada ou não ao longo desta monografia.

Continuando na leitura de Freud, outro conceito relacionado à compreensão do desejo se mostrou pertinente a este estudo, o princípio do prazer, que será explicado posteriormente. Ao estudar sobre o princípio do prazer, novamente um conceito freudiano aflora: o *princípio de realidade*. A relação entre esses dois princípios serve para explicar o porquê da dificuldade de se concretizar desejos do aparelho psíquico no mundo físico.

A minha justificativa inicial de que era importante entender o comportamento humano em busca da felicidade já não nos serve mais, pois não falo mais da felicidade - embora esta continue presente subjetivamente na minha discussão - e sim da

importância de entender o homem como um ser desejante e de como seus desejos podem ou não ser satisfeitos dependendo da regulação do aparelho mental em determinado contexto social e cultural – o que será melhor explicado quando falarmos dos estudos sobre o ego.

Finalmente cheguei ao meu tema; o desenvolvimento dessa monografia buscará dar sustentação teórica à investigação da realização dos desejos frente ao princípio de realidade, e tem como objetivos específicos definir os conceitos de desejo, princípio do prazer e princípio da realidade, a partir da obra de Freud, e apresentar uma breve descrição das instâncias existentes no aparelho psíquico, segundo este mesmo autor.

Este trabalho se encontra organizado em quatro capítulos, cuja ordem foi apresentada respectivamente acima, sendo o primeiro capítulo após a introdução abordando o conceito de desejo, o segundo capítulo os princípios do prazer e da realidade, o terceiro as instâncias mentais e o último, a conclusão deste trabalho.

## 2 O DESEJO

Existem várias noções e idéias sobre o desejo. Há muita especulação e comparação da idéia de *desejo* com outras noções. Uma delas é a noção de *necessidade*. Embora semanticamente parecidas, essas palavras tem diferentes significados quando abordadas na psicanálise. A necessidade nos remete a um conceito biológico, que pode ser entendido como uma pulsão interna que leva o organismo a realizar tal ação, com o objetivo de reduzir ou saciar essa mesma motivação, como, por exemplo, a sede (necessidade de hidratação) nos leva à ingestão de líquidos (LIMA; FREGONEZZI, 2006). O desejo, por sua vez, é o mecanismo que move o aparelho psíquico e o guia a partir das sensações de *prazer e desprazer*, buscando sempre eliminar esta última. Esse mecanismo pode ser entendido como uma tensão que se direciona a um objetivo, do qual se espera que uma vez realizado, desenvolva no indivíduo a sensação de prazer ou satisfação (LIMA; FREGONEZZI, 2006).

Segundo Freud, o desejo nunca é plenamente satisfeito, porque se origina da falta essencial do indivíduo. Logo esse desejo só pode se satisfazer parcialmente, se realizando no movimento de sempre querer mais-e-mais. “O desejo vive de sua insatisfação, resguardada esta estranha função: a função de insatisfação” (MASOTTA apud LIMA; FREGONEZZI).

Para se visualizar um indivíduo sem a capacidade de desejar, tomemos como exemplo metafórico um robô, que necessita somente de suas baterias recarregadas e suas engrenagens funcionando perfeitamente. Nenhuma perspectiva de vida, nenhum anseio, nenhum sentido em existir além de se sustentar mecanicamente.

Por não ser completamente satisfeito, o mecanismo do desejo desperta sofrimento no indivíduo, “mas também o impulsiona para buscar realização – ou satisfação parcial – no mundo objetivo ou na sua própria subjetividade - sonhos, artes, projetos utópicos, fé no absoluto, etc.” (LIMA; FREGONEZZI, 2006). Entretanto essas opções de busca só prometem proporcionar a satisfação, já que o indivíduo já está “a priori condenado à insatisfação e à angústia e deve se contentar apenas com os momentos

de satisfação parcial ou realização ilusória” (Idem, 2006), e essas opções de busca acabam produzindo uma satisfação temporária.

Lima e Fregonezzi também atribuem à construção da civilização e da sua cultura ao estado desejante do indivíduo.

“Imperfeita em todos os aspectos, esta civilização faz surgir movimentos diversos visando melhorá-la ou destruí-la, para reconstruí-la em outras bases. O mal-estar de nossa civilização nada mais é segundo Freud, que o reconhecimento de que estamos condenados a uma economia libidinal baseada no mais-gozar”. (LIMA; FREGONEZZI, 2006)

A citação acima menciona uma obra muito conhecida de Freud chamada “O mal-estar da civilização”, publicada em 1930. Nessa obra Freud considera a cultura como o inimigo do ser humano, uma vez que existe uma incompatibilidade entre as exigências das pulsões dos desejos do sujeito e as da civilização. Civilização essa que não é diferenciada de Freud da questão da cultura. Ambas, para Freud, implicam no que diferencia o homem dos outros seres vivos, afastando-o do seu estado natural. Logo, para a sociedade se manter, é preciso que os desejos do homem – e por isso o homem – sejam “sacrificados” (LIMA, 2007).

Porém nosso estudo não se aprofundará nessa questão, para não sairmos do foco, sendo mencionada aqui apenas por título de curiosidade.

## **2.1 Breve apresentação sobre a angústia**

Quando um desejo começa a ser formado, ainda no inconsciente, cabe ao ego intermediar esse desejo com a realidade. Se, no entanto esse desejo não puder ser realizado nas condições impostas pela sociedade, esse desejo é reprimido, e essa repressão gera a angústia. Isso quer dizer que se a pulsão de um desejo não consegue encontrar um objeto no campo da realidade que se refira a ele, esse desejo pulsa em direção ao “vazio”. Entretanto esse “vazio” não significa o *nada*, e sim uma falta de objeto onde este deveria estar. A angústia surge para ocupar o lugar do que seria entendido como *nada* (PISSETA, 2009).

Esse conceito demonstra porque é impossível que um sujeito satisfaça todos os seus desejos. Se fosse possível que um indivíduo conseguisse dar vazão e realizar todos

seus desejos sem que haja algo que o impeça, - lembrando que o desejo é caracterizado por ser um impulso infinito - e se este indivíduo já conseguir realizar todos os seus desejos direcionados a quaisquer objetos, ou seja, não tem mais como produzir desejos direcionados a objetos, –pois já teria tudo o que desejou- isso significa que o mecanismo de desejo teria que se apresentar de outra maneira, direcionando seus impulsos à falta de um objeto, gerando desejos sem objetos. Então, mesmo que um sujeito conseguisse satisfazer seus desejos, em um momento ele viveria apenas angustiado, pois agora seus desejos não se fundamentariam em nenhum objeto que possa ser conquistado na realidade (PISSETA, 2009).

Percebemos assim que o mecanismo de angústia, não é finito, pois o desejo não é finito. O que responde muitos questionamentos acerca da satisfação dos desejos, do porquê realizar este ou outro desejo não promoveu a sensação de prazer duradoura que a pessoa tanto procurava.

### 3 PRINCÍPIOS DO PRAZER E DA REALIDADE

#### 3.1 O princípio do prazer

O princípio do prazer pode ser entendido como um processo de querer prazer de modo imediato. Essa pressão por satisfação imediata é a característica principal deste princípio. Esse processo impulsiona o indivíduo a buscar o que supostamente lhe irá satisfazer, e evitar qualquer sensação que desperte dor ou *desprazer*. Sensação esta que é gerada pela inibição ou impedimento de um desejo. Essa sensação nasce para ser eliminada, já que esse princípio psíquico humano busca sempre não sentir o desprazer. Freud pressupõe que o aumento da pressão psíquica gera o desprazer, enquanto que a descarga - alívio dessa pressão – gera o prazer. Contudo podemos perceber que o desprazer não é somente uma sensação que é gerada para ser evitada, pois é essa sensação que mobiliza o corpo em busca de mudanças. Em seus estudos sobre o ego – que será explicado no próximo capítulo, Freud diz que as sensações desprazerosas nos impelem à mudanças devido a elevação da *catexia* interna. Entende-se *catexia* aqui como uma energia psíquica que dá origem aos impulsos mentais. Quanto maior o nível de *catexia*, mais forte o impulso. Nesse sentido, o desprazer é elemento fundamental na mobilização do indivíduo (FREUD, 1923).

“Um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: o conjunto da capacidade psíquica tem por finalidade evitar o desprazer e procurar o prazer. Dado que o desprazer está ligado ao aumento da quantidade de excitação, e o prazer é a diminuição das mesmas, o princípio do prazer consiste em um princípio econômico”.(LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 364).

Freud utilizou como exemplo deste princípio a criança, que quando recém nascida, quer o prazer a qualquer custo, naquele instante. Apenas com o seu desenvolvimento é que ela começa de modo gradativo a ir adiando e aceitando que devido à implantação de regras que regem uma sociedade, em prol do bem estar social coletivo, a obtenção de prazer imediato pode ser protelada por fatores sociais. Essa aceitação é característica do princípio de realidade.

#### 3.2 O princípio da realidade

Enquanto o princípio do prazer busca a satisfação de seus impulsos, o princípio de realidade busca a descarga de energia psíquica através da própria realidade. Como a realidade é bem diferente do que a mente deseja, devido a não satisfação dos desejos

mentais pelos acontecimentos da realidade, o indivíduo desenvolve a capacidade de adiar suas satisfações, significando um maior domínio dos impulsos pela realidade. É necessário entender que a sociedade constrói regras, que visam uma vivência harmônica a todos os indivíduos nela inseridos. Para que essas regras funcionem, torna-se preciso que o indivíduo abra mão de seus desejos imediatos. Logo, o princípio de realidade é o entendimento de que o querer prazer no agora precisa passar pelos impedimentos temporários aplicados pelas leis da sociedade, não desistindo de seus desejos, mas adiando-os, esticando o imediatismo em um maior espaço de tempo.

“Um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma um par com o princípio do prazer, o qual modifica: na medida em que o alcança impõe-se como princípio regulador, a busca de satisfação não se efetua mais pelos caminhos mais curtos, e sim mediante desvios, e adia seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior”.

(LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 368).

Kehl em seu texto “O desejo de realidade” nos diz que mesmo que a noção do que se deseja tenha as características do impossível e do inalcançável, no cotidiano o desejo não se apresenta dessa forma:

“(…) do ponto de vista do modo corriqueiro em que vivemos e expressamos nossa condição de desejantes, o lugar dos objetos do desejo é a realidade, ou melhor, o campo das representações da realidade e dos objetos ditos reais. É nesse campo, das representações da realidade que podemos falar não O desejo, mas do desejo, desviando seus fins primários, obscuros para o sujeito, em direção a objetos secundários que aparecem para a consciência como objetos possíveis cujo alcance depende pelo menos em parte de ação voluntária, consciente”.

Kehl afirma nesse parágrafo que para que o desejo possa ser considerado possível de ser atendido – para que se torne real, precisa-se que haja uma vinculação entre este desejo e sua objetividade e um objeto real - no campo da realidade, capaz de se identificar com o determinado querer do desejo. É interessante notar que o objeto real não é sempre exatamente o que aquele desejo procurava, por diversos fatores, e assim, como um desejo não pode simplesmente desaparecer por não conseguir ser saciado, o mesmo se liga com outros objetos reais que sejam capazes substituir o objeto primordial desse impulso. Ou seja, a representação real do objeto do desejo não é necessariamente o desejo e que trará somente satisfação.

Procurando exemplificar sua questão, Kehl diz que se alguma pessoa fala que o que mais deseja é conhecer a Europa, baseando-se na plena certeza de que a Europa é

um objeto real e de que o seu desejo encontrará harmonia e reconhecimento no desejo de muitas outras pessoas que se identificam com o mesmo desejo, mesmo assim estará incorreto, Kehl explica:

Primeiro, o que ele quer não é exatamente conhecer a Europa – o que pressupõe desconhecimento -, já que ao dizer Europa o sujeito está, ainda que inconscientemente, se referindo a alguma coisa que ele pensa que conhece, o suficiente para desejar.

O que o sujeito deseja aqui não é exatamente conhecer um lugar desconhecido, e sim reconhecer um objeto de suas representações, do seu simbolismo. Isso se dá também, pelo fato de a Europa ser um objeto bastante privilegiado no campo da realidade dentro da sociedade, que ela cresce aos olhos desse sujeito em particular, “supondo que ele seja brasileiro como nós” (KHEL, 1990 p.365), assim, quanto mais for de seu conhecimento a Europa, mais chances terá de sentir prazer ao efetivamente visitá-la.

Em um segundo lugar, Khel afirma que é uma ilusão acreditar que o objeto muito desejado seja fonte somente de expectativas de puro prazer.

Realizar um grande desejo pode ser, portanto, uma tarefa perigosa para a consciência, carregada de ameaças arcaicas e causadoras de grandes angústias. No entanto, vencida essa angústia (quando é possível vencê-la), não há felicidade maior do que a realização de um desejo infantil (KEHL, 1990, p.365).

Por fim, Khel afirma que talvez fosse melhor dizer que “eu mais quero é conhecer a Europa” já que como sabemos, o desejo aponta para outro lugar, o lugar da sua incansável repetição. Então:

O que mais se deseja não é ir à Europa, mas desejar ir à Europa e seguir desejando, seguir sendo sujeito de um enunciado que aponta para algum objeto real, que possa representar a reafirmação repetitiva do desejo no campo da realidade (1990, p. 365).

No livro “O mal radical em Freud” (1999), Garcia-Roza discute o que é a realidade para a psicanálise e alerta que o real externo não deve ser confundido com o que Freud determinou como *realidade psíquica*, já que esta “designa a realidade do inconsciente, do desejo e de suas fantasias”. A realidade exterior é identificada por Freud como o mundo material percebido pelo sujeito:

“Apresentando uma certa ordem e relativa perenidade. Enquanto a realidade exterior está organizada a partir da linguagem e tem como referência o

sujeito, o real é pré-subjetivo e constitui um registro simbólico. O real não obedece à organização do mundo externo nem obedece à organização da realidade psíquica. Ele situa-se aquém ou além da ordem e da lei, fora do campo do princípio do prazer. Ele, de fato coloca-se como um obstáculo ao princípio do prazer” (GARCIA-ROZA, 1999).

O que Freud chama de realidade não é a realidade da consciência, o mundo percebido por nós na experiência imediata, “nem tampouco a realidade descoberta ou produzida pela ciência. Não se trata da realidade que nos é imposta enquanto exigências sociais”.

### **3.3 O Princípio do prazer versus o princípio de realidade**

Já vimos que o princípio do prazer é a busca imediata pela satisfação, e que o princípio de realidade é o querer desejar e continuar desejando, além de conseguir achar no campo da realidade, objetos que possam ser reconhecidos pelos desejos produzidos pelo indivíduo. Relacionando tais princípios podemos perceber que o princípio de realidade surge do amadurecimento do princípio do prazer. Segundo Freud, quando um indivíduo começa a suportar o incômodo do desprazer, adiando o sentimento de satisfação, ele amadurece e passa a se reger mais pelo princípio de realidade do que pelo princípio do prazer. Viver de acordo com o princípio de realidade significa entender que dificilmente se consegue obter satisfação de forma imediata. É entender o mundo e seus processos, suas ações e reações, já que o sujeito vive em uma sociedade de regras e normas. Nessa realidade estão presentes as necessidades e a luta pela sobrevivência diária e os indivíduos vivem em campos antagônicos, pela sua vida social e pessoal, o prazer e o trabalho.

É necessário entender que o princípio do prazer não irá deixar de existir devido a influência do princípio de realidade, mas sim ficará mais interiorizado no indivíduo.

#### 4 ESTUDOS DO APARELHO PSÍQUICO: Consciência, inconsciência, id, ego e superego.

Esse capítulo tem como objetivo explicar o sistema do ego, id e superego, importantes para o entendimento da repressão dos desejos devido a uma realidade repressiva e as dificuldades desses desejos serem entendidos e realizados pelo sujeito desejante.

Freud inicia seu discurso sobre o ego considerando o fato de que alguns de seus leitores não prosseguiriam na leitura de seu livro, já que para as pessoas que foram educadas na filosofia, a idéia de algo psíquico não consciente era desconsiderada rapidamente pela lógica. Em suas palavras “*Acredito que isso se deve apenas a nunca terem estudado os fenômenos pertinentes da hipnose e dos sonhos, os quais tornam necessária esta visão*” (FREUD, 1923).

Em seguida, Freud diz que o termo “estar consciente” é relativo, já que um estado de consciência tem por característica a qualidade de ser muito transitório, pois uma idéia (como exemplo de elemento psíquico) pode estar consciente agora e “desaparecer” depois, e novamente ressurgir. O termo sugerido para essa capacidade de se tornar consciente a qualquer minuto é o termo *latente*. Se, no entanto, denominarmos esse estado de *inconsciente*, estará correto, pois nesse ponto dos estudos de Freud, inconsciente coincide com latente e capaz de se tornar consciente.

Entretanto existem idéias que não se tornam conscientes, devido a alguma força que se lhes opõe. Esse pensamento foi comprovada através de técnicas da psicanálise que conseguiram remover essa força opositora permitindo as idéias em questão tornarem-se conscientes. Assim ficou entendido que o estado em que as idéias existiam antes de se tornarem conscientes é chamado pelos psicanalistas de *repressão*, e que a força que constitui e mantém a repressão denomina-se *resistência*.

Freud constrói então o conceito de inconsciente, a partir da teoria da repressão. Entendemos o reprimido como o protótipo do inconsciente, e mais, notamos que existem dois tipos de *Ics*: um que é latente, capaz de se tornar consciente e outro que sofre repressão, e não é possível tornar-se consciente. Objetivando um entendimento melhor, Freud chama de *pré-consciente (Pcs)* o inconsciente latente – inconsciente

puramente descritivo -, capaz de se tornar consciente, e deixa a denominação inconsciente para o que é reprimido dinamicamente – pela força repressora.

Dessa maneira, Freud obteve três novos conceitos: consciente (Cs.), pré-consciente (Pcs.), e inconsciente (Ics.). Para visualizarmos dinamicamente a relação desses três conceitos, Freud presume que o Pcs. acha-se muito mais próximo do Cs. – e de se tornar consciente - do que o Ics.

Avançando na discussão do que difere o pré-consciente do inconsciente, Freud chega à definição de Ego: uma organização coerente de processos mentais existente em todos os indivíduos. A consciência é ligada a esse ego. “O ego controla as abordagens à motilidade” (FREUD, 1923), ou seja, ele permite a descarga de excitações para o mundo exterior. É a parte consciente que supervisiona os próprios processos mentais e é “desligada” enquanto o indivíduo dorme, mas mantém sua influência e censura sobre os sonhos.

Do ego surgem também as repressões, com o objetivo de inibir algumas determinadas tendências da mente, tanto da consciência quanto de quaisquer outras formas de capacidade e atividade. Essas tendências eliminadas posicionam-se em oposição ao ego, e este impõe uma resistência contra o reprimido. Freud prossegue, apresentando o comportamento de algum paciente utilizado em sua análise:

Quando apresentamos certas tarefas ao paciente, ele entra em dificuldades; as suas associações falham quando deveriam estar-se aproximando do reprimido. Dizemos-lhe então que está dominado por uma resistência, mas ele se acha inteiramente inadvertido do fato e, mesmo que adivinhe, por seus sentimentos desprazerosos que uma resistência encontra-se então em ação nele, não sabe o que é ou como descrevê-la (FREUD, 1923).

Surge então uma questão intrigante. Já entendido que essa resistência tem sua função no ego e o constitui, deparamo-nos com algo no ego comportando-se como inconsciente, se apresentando como o reprimido, o que significa que produz efeitos significativos sem ele próprio estar consciente e que exerce um trabalho extra antes de torna-se consciente.

Essa descoberta traz enormes dificuldades para Freud ao tentar resolver os conflitos entre Cs e Ics, se nos concentrarmos nas nossas formas habituais de expressão. Para nossa concepção de inconsciente, no entanto, as conseqüências dessa descoberta

desperta importantes considerações: “reconhecemos que o Ics. não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é Ics., mas nem tudo que é Ics. é reprimido. Também uma parte do ego – e sabem os Céus que parte tão importante – pode ser Ics.” (FREUD, 1923).

Importante notar que essa parte inconsciente do ego não é latente como o pré-consciente, pois se fosse esse inconsciente não poderia atuar sem se tornar consciente e esse processo não enfrentaria as tantas dificuldades relatadas nas análises de Freud. Logo, parece-nos que há uma necessidade de criar um terceiro conceito de inconsciente, que não seja reprimido. Entretanto, retirar a principal característica desse conceito é fazê-lo perder seu significado. Mesmo assim, não poderemos deixar de lado essa qualidade inconsciente do ego, pois a propriedade de ser ou não consciente constitui, segundo Freud, “o nosso único farol na treva da psicologia profunda” (FREUD, 1923).

A pesquisa de Freud sobre essa nova qualidade do inconsciente direcionou o foco da mesma para o ego em si. Ele chega a esse ponto através de uma única orientação, a diferenciação de consciente e inconsciente, que derivou um ponto inquietante de ambigüidade.

Nosso conhecimento está centrado no consciente. Para então conseguirmos compreender o inconsciente necessitamos torná-lo consciente. Entretanto como é realizado esse processo? Como algo se torna consciente?

Freud diz que a consciência é a “superfície” do aparelho mental, é a parte primeiramente afetada pelo mundo exterior. As percepções externas recebidas, através do sistema perceptivo – percepções sensoriais – e as internas – sensações e sentimentos – são Cs desde o início. Mas quanto aos pensamentos?

Eles representam deslocamentos de energia mental que são efetuados em algum lugar no interior do aparelho, à medida que essa energia progride em seu caminho no sentido da ação. Avançam eles para a superfície, fazendo com que a consciência seja gerada? Ou é a consciência que abre caminho até eles? (FREUD, 1923).

Essas questões são levantadas quando Freud sugere uma idéia espacial ou “topográfica” da vida mental. Ambas as possibilidades se apresentaram inimagináveis.

Em suas análises Freud percebe que a diferença entre uma idéia (pensamento) do Ics e do Pcs consiste nisso: a primeira é criada e exerce sua função em algum “material” desconhecido, e a segunda é capaz de ser colocada em representações verbais – o indivíduo consegue dizer o que pensa. Essa é a primeira tentativa de distinguir o pré-consciente e o inconsciente, além de relacioná-los com a consciência. Freud então reformula sua pergunta inicial. “Como algo se torna pré-consciente?”, sua resposta foi: “vinculando-se a representações verbais que lhes sejam correspondentes” (FREUD, 1923).

Freud supôs que é mais clara a relação das percepções externas com o ego do que a do mesmo com a internas, e que essa última merece uma investigação especial, já que, segundo ele, pouco se conhece sobre as percepções internas. Os melhores exemplos de percepções internas que Freud encontrou foram as sensações de prazer e desprazer, porque são mais primárias que as sensações que surgem externamente, e podem exercer seus impulsos mesmo quando a mente se encontra em um estado confuso. “As sensações de natureza prazerosa não têm nada de inerentemente impelente nelas, enquanto que as desprazerosas o têm no mais alto grau” (FREUD, 1923). Freud sustenta que as sensações de desprazer geram a movimentação do indivíduo a procura da eliminação da mesma, implicando na elevação de catexia – energia psíquica que impele o sujeito à ação.

Freud chamou prazer o que se torna consciente e desprazer um ‘algo’ quantitativo e qualitativo que se comporta como um impulso reprimido que, no curso dos eventos mentais, só se torna consciente como desprazer quando se dá resistência a força impulsiva de tal impulso e afirmou que a pesquisa clínica demonstra que “também as sensações e sentimentos só se tornam conscientes atingindo o sistema perceptivo”, ou seja, no que toca a sentimentos, o pré-consciente é posto de lado, esses são conscientes ou inconscientes (SCHAEFER, 2005).

Assim é confirmada a suposição de Freud de que os processos internos de pensamento são transformados em percepções através da ligação com representações verbais e que “quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente são considerados verdadeiros” (FREUD, 1923).

Freud relacionou os esclarecimentos desenvolvidos durante seus estudos com a teoria de Groddeck, e propôs denominar *Ego* a entidade localizada em uma parte da

mente com início do perceptivo e começa por ser pré-consciente, e seguiu Groddeck quando chama outra parte da mente que se estende e se comporta como inconsciente, o *Id*. E assim Freud examinou o homem como:

Um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema perceptivo. Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas até o ponto em que o sistema perceptivo forma a sua [do ego] superfície. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele. Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego através do id. (FREUD, 1923)

Em sua representação diagramática do aparelho psíquico (abaixo) seguindo as orientações do sistema do ego acima, Freud chegou a algumas suposições:

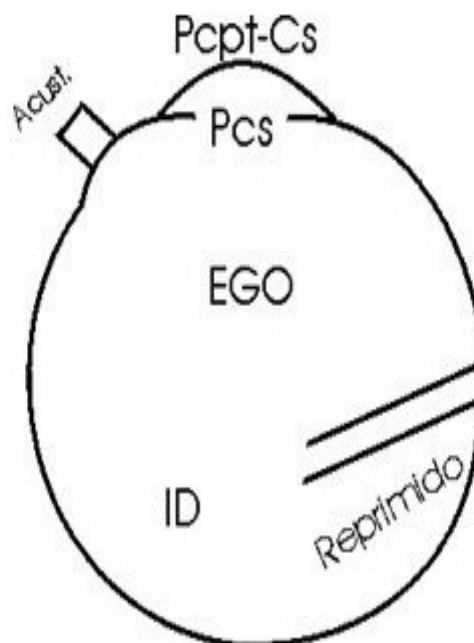


Fig. 01

FONTE: PSICX, 2010.

O ego não envolve completamente o id, apenas até o ponto onde o sistema perceptivo forma sua superfície, porém o ego não se acha nitidamente afastado do id, pois sua parte inferior funde-se com ele, assim como o que é reprimido. Este, por sua vez, se diferencia do ego pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o ego através do id.

O ego é a parte do id que foi modificada pelas influências do mundo externo, por meio do sistema perceptivo-consciente. Ele procura aplicar essas influências ao id e às tendências dele e esforça-se para substituir o princípio do prazer que caracteriza o id pelo princípio de realidade.

Laplanche e Pontalis, no *vocabulário da psicanálise*, têm a seguinte explicação sobre o id:

(...) O id constitui o pólo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego, que (...) são as suas diferenciações (LAPLANCHE; PONTALIS 1998, p. 219).

Os mesmo escritores citados acima também definem ego, do ponto tópico como uma instância mental que tem uma relação de dependência para com as reivindicações do id como para com as ordens do superego e as exigências da realidade, e embora tenha como funcionalidade ser mediador, encarregado dos interesses do sujeito, tem uma relativa autonomia. Pelo ponto de vista dinâmico, o ego gera diversos mecanismos de defesas, motivado por possíveis sentimentos de angústias. Do ponto de vista econômico, o ego surge como ligação dos processos psíquicos.

O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, enquanto que o id pode representar as paixões, já que o id constitui a fonte dos impulsos ou tendências de uma pessoa, o superego representa os educadores (pais, professores) introjetados no indivíduo e o ego representa uma espécie de relações públicas entre o ser, seus impulsos e a sociedade (FREUD, 1923).

Freud define o papel do superego como sendo “ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego”. É a parte do ego que tem conhecimento sobre os pensamentos e tendências mentais e assume uma posição crítica e as vezes repressora quanto à eles. “Vemos como uma parte do ego se opõe à outra, julga-o de forma crítica e, por assim dizer, toma-a como objeto” (FREUD apud LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 497).

No “*O mal-estar da civilização*”, Freud também explica superego como sendo parte de um ego que se revolta com o resto do ego devido à interiorização da agressividade que o indivíduo teve que fazer pelo bem da sociedade. (LIMA, 2007).

Para facilitar a compreensão entre o ego o id e o superego, Freud utilizou a seguinte metáfora para mostrar como essas três instâncias se relacionam: “O ego é um cavaleiro tentando frear um cavalo selvagem (o id), seguindo as ordens do professor de equitação (superego)” (FREUD, 1923).

## 5 CONCLUSÃO

Neste ponto, relembro todos os pensamentos que tive quando comecei a traçar os esboços de um projeto de monografia, que se iniciou indagando sobre a felicidade, e que subentendidamente, ansiava entender a razão de vivermos em um mundo em que as pessoas se sentem tristes e sem rumo, “condenadas” a procurar eternamente algo que as fará felizes.

Entendemos, através da psicanálise, como a esfera da realidade pode facilitar ou dificultar a concretização de nossos desejos, através da força repressora com que o ego opera no aparelho psíquico. Caracterizado pela razão, o ego aplica essas forças repressoras ao id, o “lugar” das emoções e paixões, a fonte dos impulsos do indivíduo. O superego, que pode ser exemplificado por qualquer pessoa – pais, professores, prefeitos, governadores, presidentes, órgãos institucionais, culturais e políticos - que demande normas e leis, as quais atingem o sistema perceptivo-consciente do sujeito, e fazem com que este passe a viver sobre essas diretrizes, tendo que se adequar a elas.

Assim, sabendo que o motor impulsivo do desejo não cessa, e que mesmo quando um desejo é reprimido por não ser aceito nas condições da realidade, o mesmo encontra um meio de se realizar – já que ele não deixa de existir só porque não pode ser realizado essencialmente – através de vinculações com outros objetos quaisquer capazes de satisfazer parcialmente o desejo inicial.

Concluimos que, por meio das condições que o campo da realidade apresenta, o sujeito procura sobreviver e se satisfazer, através das utilizações de objetos que, por inúmeras razões, puderam se relacionar com os impulsos reprimidos do inconsciente.

Chego ao meu propósito de tentar explicar o porquê da maioria das pessoas se sentirem incompletas, devido a não satisfação “total” de seus desejos. Esse estudo nos ajuda a entender que nossos desejos não podem ser totalmente realizados devido à natureza reprimida dos mesmos.

Embora percebamos que mesmo não existindo uma definição exata de felicidade, que defina a procura da maioria das pessoas, ou provavelmente de todas as pessoas, há sempre uma busca, e ainda que o mecanismo do desejo possa parecer ser algo perverso

que sempre nos tira a sensação de “estar completo” após a realização de um desses desejos - que jurávamos que iria nos trazer a tão esperada felicidade, é necessário ter em nossa constituição psíquica este mecanismo, algo nos impulsionando ao movimento, para sair da inércia, um motivo para nos tirar da cama às sete da manhã de uma quarta-feira.

Finalizo esse trabalho mostrando sua importância quando nos ajuda a entender que se a satisfação completa e a toda hora é impossível, podemos então nos tranquilizar e não pôr a culpa em nós mesmos, em terceiros, ou em outros motivos pela nossa infelicidade, e que não se deve desistir de buscar os anseios, pois um desejo que ainda se encontra insatisfeito ainda não foi realizado devido a não ter achado um objeto que se lhe assemelhe. Com esse entendimento, podemos encarar a vida cotidiana de outra maneira, não tão aborrecidos e infelizes com o nosso “vazio”, simplesmente desejan-tes, conscientes de que se a felicidade fosse possível, ou melhor, se realizar todos os nossos desejos sem restrições fosse possível, chegaríamos talvez a um ponto em que, já tendo “tudo”, não conseguiríamos produzir mais desejos, e conseqüentemente, perderíamos o nosso mecanismo que nos impulsiona a viver.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Ego e o Id.** (1923) In: FREUD, S. O Ego e o Id e outros trabalhos. ESB Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GARCIA-ROZA, L.A. **O mal radical em Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

KEHL, Maria Rita. **O desejo de realidade.** In: NOVAES, A. O desejo. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

LAPLANCHE, J e PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

LIMA, Lais. **“O mal estar da civilização” (1930) – Resenha.** 2007. Disponível em: <<http://www.palavraescuta.com.br/textos/o-mal-estar-na-civilizacao-1930-resenha>> Acesso em: 7 dez. 2011.

LIMA, Raymundo de; FREGONEZZI, Marta Dalla Torre. A Felicidade existe?: Freud, a psicanálise e a felicidade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 59, abr.2006. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp\\_limafregonezzi.htm](http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_limafregonezzi.htm)>. Acesso em: 6 jul. 2011.

PISSETA, Maria Angélica. A falta da falta e o objeto de angústia. **Estudos de psicologia**, Campinas, jan./mar.2009. p.101-107.

PSICX. **O id e o inconsciente coletivo.** 17 dez. 2010. Disponível em: <<http://psicx.wordpress.com/2010/12/17/o-id-e-o-inconsciente-coletivo/>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

SCHAEFER, Lúcia. **Resumo do Volume XIX de Sigmund Freud: O Ego e o Id.** 2005. Disponível em: <[www.inmersion.com.br/Archive/PSICOPEDAGOGIA/Resumo%20do%20Volume%20XIX%20de%20Sigmund%20Freud](http://www.inmersion.com.br/Archive/PSICOPEDAGOGIA/Resumo%20do%20Volume%20XIX%20de%20Sigmund%20Freud)>. Acesso em: 10 jul 2011.